

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOVO ACHADO DA IDADE DO BRONZE NA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA PENHA, GUIMARÃES.

CARDOSO, Mário

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha, Guimarães. *Revista de Guimarães*, 78 (3-4) Jul.-Dez. 1968, p. 273-281.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães)

Por MÁRIO CARDOZO.

Desde há muito que na estação arqueológica da Penha, no concelho de Guimarães, vem sendo recolhidos, à mercê do acaso, em remoções de terras com simples finalidade urbanística do lugar, elementos de um abundante espólio de interesse científico, constituído especialmente por numerosos fragmentos de uma cerâmica primitiva, de barro grosseiro e aspecto rude, fabricada manualmente sem o emprego do torno de olaria, mas decorada com grande e rica variedade de motivos ornamentais de estilo geométrico, fortemente incisos. Também na mesma estação pré-histórica se tem encontrado vários instrumentos de bronze e de cobre (Vide *Rev. de Guimarães*, 1960, vol. LXX, p. 169 ss.), machados de pedra polida, pontas de seta de sílex, xisto e quartzite, polidores, trituradores de cereais, pedras de afiar, etc., que, juntamente com os fragmentos cerâmicos (alguns dos quais permitiram a reconstituição dos vasos a que pertenciam) (*Fig. 1*), se conservam no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento.

Até hoje, porém, nunca esta estação e o seu valioso espólio foram exaustivamente estudados, tendo sido apenas publicadas vagas ou ligeiras referências a estes achados fortuítos, ou pequenos artigos assinados por conhecidos investigadores (1).

(1) José de Pina, J. R. dos Santos Júnior, Luís de Pina, Mendes Correia, Alberto del Castillo, Bosch Gimpera, Florentino Cuevillas, Bouza-Brey, Joaquín Lorenzo, H. N. Savory, Ch. Hawkes, Eoin MacWhite, etc.

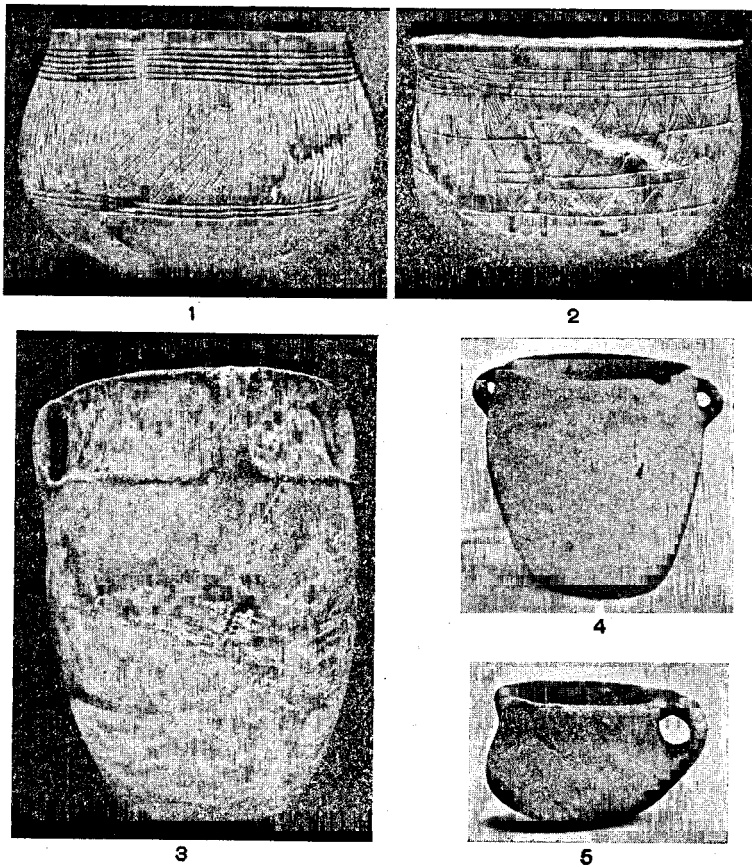


Fig. 1 — *Alguns vasos procedentes da Penha* (Museu Arqueológico da Soc. M. S.)

- N.º 1 — Altura: 26 cm. Diâmetro da boca: 30 cm. Sem asas. Fundo esferoidal.
 N.º 2 — Altura: 26 cm. Diâmetro da boca: 36 cm. Sem asas. Fundo esferoidal.
 N.º 3 — Altura: 54 cm. Diâmetro da boca: 35 cm. Quatro asas. Fundo plano.
 N.º 4 — Altura: 21,5 cm. Diâmetro da boca: 17 cm. Duas asas. Fundo plano.
 N.º 5 — Altura: 6,5 cm. Diâmetro da boca: 8 cm. Uma asa. Fundo esferoidal.

O monte da Penha, sobranceiro à cidade de Guimarães, é o de maior altitude que se ergue na área do concelho (613 metros). Na parte cimeira corre, no sen-

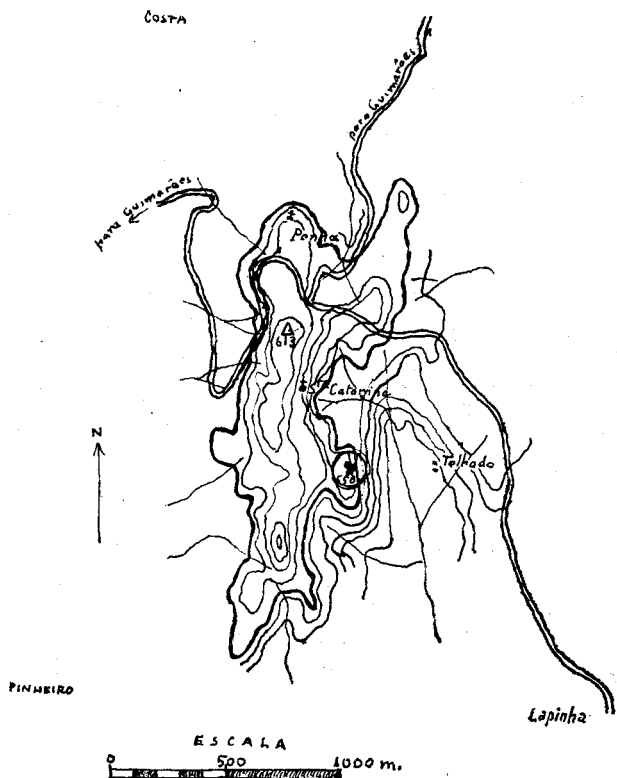


Fig. 2 — Situação da estação arqueológica da Penha (Guimarães)

(No pequeno círculo: local onde apareceram as duas lanças de bronze da fig. 3).

tido N.-S., um planalto de cerca de 1500 metros de comprimento por uns 300 de largura média (Fig. 2). O terreno, que é de natureza granítica, está coroado de penedia formando agrupamentos de grandes massas rochosas arredondadas, acentuadamente boleadas pelo desgaste da erosão.

A tipologia dos objectos ali encontrados revela ter existido no local uma ocupação humana durante época muito remota, possivelmente na última fase da Idade do Bronze hispânico. As obras de melhoramento e embelezamento daquele recinto, realizadas por iniciativa da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, à qual o terreno pertence, têm contribuído para salvar muitos dos objectos aparecidos, mas também, por outro lado, causado a destruição de vários restos desse extinto povoado. O arqueólogo Martins Sarmiento, porém, ainda em 1886 ali pôde reconhecer vestígios de um valo de terra, que por certo pertenceria à organização defensiva do castro (1).

Ora, em 2 de Dezembro do ano findo, tivemos conhecimento de que mais uma importante descoberta ali se havia dado, ocasionalmente. Tratava-se de duas lanças de bronze (*Fig. 3*), que o guarda daquela estância turística conservava em seu poder, e me foram logo entregues, tão depressa ali me desloquei para, na qualidade de Vogal da Subsecção de Arqueologia da Junta Nacional de Educação, tomar conhecimento da ocorrência e das condições em que o achado se verificara, como também para evitar que ele fosse destruído ou levasse descaminho.

São estas lanças do mesmo tipo, mas com dimensões um pouco desiguais. A maior tem 38 cm de comprimento; a largura máxima da lâmina é de 34 mm; o diâmetro do bocal de encabamento mede 23 mm. A mais pequena tem 33 cm de comprimento, 30 mm de largura máxima, e aproximadamente os mesmos 23 mm. de diâmetro do orifício para a haste de madeira. O alvado para o encabamento prolonga-se através da espessura da lâmina até ao vértice da mesma, formando ao longo da superfície metálica uma forte nervura central semi-cilíndrica. Estas folhas de lança constituíam certamente armas ofensivas de arremesso, ou dardos, que eram formados por lâminas de bronze encabadas e presas com um cravo à extremidade de uma vara de madeira

(1) Martins Sarmiento, *Manuscriptos Inéditos*, Cad. 43, p. 28, 40, 79, 82 (Secção de Reservados da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento) e «Materiais para a Archeologia do Concelho de Guimarães», *Revista de Guimarães*, Vol. V, 1888, p. 109.

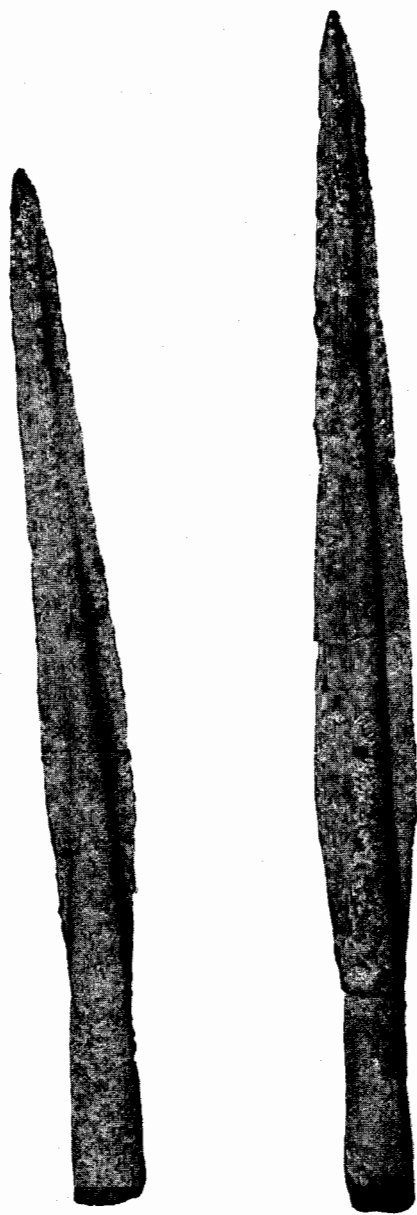


Fig. 3 — As duas lanças de bronze encontradas na Penha em Dezembro de 1967, respectivamente de 33 e 38 cm. de comprimento.

(*falarica* ou *pilum*). O dardo de uma peça única, toda de ferro, era o chamado *soliferreum* (1).

O local onde se deu este achado tem o nome de Lugar do Telhado, e pertence à freguesia de S. Tomé de Abação, do concelho de Guimarães. Fica a 650 metros a S.S.E do marco trigonométrico da Penha, que está situado junto do monumento consagrado ao



Fig. 4 — Fragmento de um vaso de fundo esferoidal, encontrado próximo das duas lanças de bronze.

Papa Pio IX. Apareceram as lanças numa pedreira, ao lado de um grande bloco granítico que uns operários andavam a fracturar para a montagem de pedra destinada a construções. Ao escavarem e desviarem a terra em redor do penedo, surgiram as duas peças metálicas, apenas a uns 40 cm abaixo da superfície do terreno. Esta pequena profundidade é natural que resultasse do declive do solo, que naquele ponto é bastante acentuado, ocasionando lentamente o escorregamento das

(1) Vide A. Schulten, *Fontes Hispaniae Antiquae*, Vol. VI, p. 210. A lança de arremesso distinguia-se da que se destinava à estocada, que era mais pesada e com uma haste de madeira mais grossa, arma esta ofensiva mais própria de cavaleiros que de infantes.

terras, e portanto a diminuição da camada que outrora cobriria as lanças. Próximo daquele sítio, uma outra remoção de terras deu lugar ao aparecimento de parte de uma pequena vasilha com asa e fundo esférico (*Fig. 4*).

Os objectos metálicos já anteriormente encontrados no monte da Penha, que actualmente se guardam no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, são os seguintes (1):

- Uma outra lança, de modelo diferente, mas também de alvado e com uma forte nervura central até à ponta da folha, que apresenta na base duas aletas. Tem de comprimento total 34 cm; comprimento da folha 23,5 cm; largura nas aletas 4,5 cm; diâmetro da boca do alvado 2,4 cm. (*Fig. 5*).
- Dois machados de talão com nervura a meio da folha e uma só aselha. Um deles tem 18 cm de comprimento; o outro tem 14.
- Um pequeno machado plano de cobre, de 7 cm de comprimento.
- Um fragmento indeterminado, de cobre, de forma curva, parecendo um raspador, com 7 cm de comprimento.
- Uma conteira de lança, com 9,5 cm de comprimento, e 1,5 cm de diâmetro do alvado.

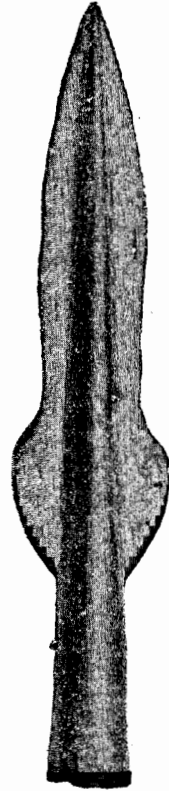


Fig. 5 — Lança de bronze procedente da Penha, oferecida ao Museu em 1922.

(1) Estas peças procedentes da estação da Penha foram em 1960 submetidas a uma análise laboratorial realizada no Landesmuseum de Stuttgart, a fim de se determinar a sua constituição metálica. Os resultados desse exame foram publicados na *Revista de Guimarães*, 1960, Vol. LXX, p. 169 ss., por Mário Cardozo, «Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze pertencentes ao Museu de Martins Sarmento».

Posto que todos estes objectos, bem como o rico espólio cerâmico e os espécimes de pedra constituam, pela sua tipologia, um testemunho válido para a fixação, tão aproximada quanto possível, da cronologia absoluta desta estação arqueológica, a falta de uma escavação cientificamente conduzida, que nunca ali houve oportunidade de ser levada a cabo, para se efectuar a indispensável verificação dos níveis estratigráficos, com aplicação dos modernos processos de pesquisa — não permitiu até hoje um conhecimento seguro da cultura pré-histórica a que a Penha pertenceu, chegando alguns estudiosos a integrá-la na Cultura do Vaso Campaniforme, classificação esta que aliás reputamos errônea. Quando muito, poder-se-á admitir, em certos temas ornamentais da cerâmica da Penha, a sobrevivência de uma remota tradição de alguns dos motivos decorativos do Vaso campaniforme, pois é possível que aquela longínqua comunidade castreja tivesse a sua origem no Eneolítico. Porém, quanto à morfologia dos vasos, não existe qualquer analogia entre os da Penha e os perfis das espécies do campaniforme. Julgamos acertado considerar o espólio da estação arqueológica da Penha como pertencente ao Bronze III, ou Bronze final peninsular, já na fase da transição para o começo da Idade do Ferro Céltico, que, nesta região do Norte do país, deve ter chegado tardiamente, isto é, no período decorrido aproximadamente entre 700-500 a. C.. A cultura da Penha deve ter atingido o seu desenvolvimento culminante no período que precedeu imediatamente o apogeu dos nossos castros pré-romanos da 1.^a Idade do Ferro, tal como o de Sabroso, cuja decoração cerâmica oferece, em alguns exemplares, certos pontos de contacto com a da Penha. Noutros locais do Norte do país, como em S. João da Ponte, Caldelas (Braga), Matamá, Mairos (Chaves), Souto, S. Torcato, Abação, Lordelo, S. Lourenço (Chaves), Pedregal (Castelo de Paiva), etc., tem sido também encontrada cerâmica nitidamente igual à da Penha, o que vem provar que esta Cultura teve larga expansão por toda a zona nortenha.

Quanto a outros espécimes de machados e lanças de tipologia semelhante à dos exemplares da Penha, procedentes de achados seguramente datados, ocorri-

dos tanto em Portugal (1), como em Espanha (2), confirmam, ou, pelo menos, apoiam a hipótese da datação que propomos para a estação pré-histórica da Penha.

Como em Portugal julgo não existir ainda laboratório algum para a determinação da cronologia pelo C_{14} , a fim de podermos confirmar esta nossa hipótese relativa à antiguidade da Penha, pedimos, em Janeiro do ano corrente, à Delegação madrilenha do Instituto Arqueológico Alemão para promover a realização dessa análise mediante os fragmentos de madeira incarbonizada, pertencentes às hastes destas lanças ou dardos, fragmentos que ainda foi possível encontrar dentro do alvado das respectivas folhas de bronze. Aquele Instituto acedeu prontamente ao nosso pedido, tendo o ilustre arqueólogo Sr. Dr. Hermanfrid Schubart chamado a si a incumbência de enviar aqueles restos de carvão ao «Naturkundig Laboratorium» da Universidade de Groningen, na Holanda, cujo resultado ainda estamos aguardando.

A estação da Penha demanda, e merece, um estudo aprofundado, especialmente da sua abundante e rica cerâmica, cujo tipo tem aparecido também, como dissemos, em diversos lugares desta região do concelho de Guimarães e noutras partes, ostentando iguais motivos

(1) Vide por exemplo:

Luis Monteagudo, «Hachas prehistoricas de Europa Occidental», in *Conimbriga*, Coimbra 1965, Vol. IV, p. 29 e lam. 2, n.º 46

J. R. dos Santos Júnior, «Quatro lanças de bronze de Lama Chã (Montalegre)», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1968, vol. XX, p. 339-347.

Domingos de Pinho Brandão e Fernando Lanhas, «Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico», *Revista de Etnografia*, Porto, 1967, Vol. VIII, t. I, n.º 15, p. 65 (ponta de lança de bronze com alvado e furo de fixação ao cabo, procedente de Várzea do Douro).

(2) Relativamente a achados em Espanha de folhas de lança de bronze do tipo das encontradas na Penha basta citar os numerosos exemplares recolhidos nas dragagens efectuadas em 1923 na Ria de Huelva, que o Prof. Martin Almagro datou do Bronze III hispânico e atribue a gentes celtizadas, após a ocupação da Península por elementos culturais procedentes da Europa Central. Vide M. Almagro «El hallazgo de la Ria de Huelva y el final de la Edad del Bronce en el Occidente de Europa», *Ampurias*, Barcelona 1940, Vol. II, pp. 85 ss.; e do mesmo autor, «Deposito de la Ria de Huelva», in *Inventaria Archaeologica*, direcção de M. E. Marien, fasc. 1-4, Madrid 1958.

decorativos e igual técnica, o que podemos ver documentado nos exemplares expostos no Museu de «Martins Sarmento». Procuraremos pois dar, em oportuna ocasião, uma notícia mais completa desta importantíssima estação arqueológica, após a confirmação da sua cronologia pelo C_{14} , utilizando então os elementos de que dispomos e que de há muito temos reunidos constituindo já um extenso e elucidativo material a aproveitar como achega para o estudo da Idade do Bronze no Norte de Portugal.